

Entrevista

“CONTAR PARA (RE)VIVER- PAPEL PRINCIPAL DA LITERATURA”: LILIANA LAGANÁ FALA SOBRE AS MEMÓRIAS DO PÓS-GUERRA

Adilson Barbosa¹

Em entrevista exclusiva concedida a Adilson Barbosa, Liliana Laganá, tradutora de escritores italianos e autora de contos e romances, dentre os quais *A última fábula* (2002) e *Terra amada* (2005), narra suas memórias do pós-guerra. Após ler os romances da autora, Barbosa percebeu suas ligações com o pós-guerra – a lembrança de algo distante no tempo e no espaço, impregnado da nostalgia de um passado feliz e inocente, evocação de pessoas que marcaram profundamente a vida da autora, e, também, de fatos históricos que, de certa forma, mudaram o rumo de sua vida. Retrospectivamente, no ato da narração, há a compreensão daquilo que, no momento vivenciado, não havia discernimento suficiente: a violência da guerra. Nesta entrevista, Barbosa questiona a autora sobre as memórias do pós-guerra presentes na obra *A última fábula*, e sobre o resgate, através da construção literária, desse tempo perdido.

Adilson Barbosa: **Olá professora, já de início gostaria de agradecer pela sua atenção.**

Liliana Laganá : Não há nada a agradecer. É bom dialogarmos sobre literatura.

A. B.: **Vamos começar com seu romance *A última fábula* : poderíamos tomá-lo como um relato de memórias?**

L.L.: Veja, é sem dúvida relato de memórias no sentido de que tudo que relato são fatos reais, realmente (ou quase realmente) acontecidos. Digo quase porque é claro que embaralhei um pouco as cartas. Mas vamos por partes: no início comecei a escrever estas memórias partindo do presente, ou seja da adulta que lembra.

A.B.: **Porque a escolha da menina para narrar?**

L.L.: Eu tinha algumas lembranças muito fortes, por serem muito marcantes, frente a uma vida vivida inteiramente num espaço pequeno, onde todos se conheciam, e onde todos viviam um mesmo dilema: sobreviver num momento muito terrível, a guerra. Para escrever sobre essas lembranças eu fiz muita pesquisa, para verificar sua veracidade ou não. Depois de ter os elementos

¹ Professor de Letras do IFRS- Câmpus Ibirubá. Doutorando em Letras (UPF); Mestre em Letras pela URI, câmpus Frederico Westphalen; Especialista em Literatura e Cultura.

<i>Revista Língua & Literatura</i>	FW	v. 16	n. 26	p. 213-219	Recebido em: 31 mar. 2014. Aprovado em: 29 jul. 2014.
--	----	-------	-------	------------	--

históricos, sobre os fatos da guerra e outros, me dispus a escrever tudo, como lembranças da adulta. Mas depois me dei conta que seria mais interessante levar o leitor para a cena vivida pela criança, e então fiz a menina se lembrar, fiz a menina mesma contar. Não foi fácil, porque tive que adaptar minha linguagem ao de uma criança de sete anos, mas vi que isso me dava muita liberdade para enfrentar temas que, de outra forma, eu não saberia (por exemplo, o caso do campo de concentração de Sassoferato). A menina é livre para misturar fábula e realidade.

A.B.: Então, em sua opinião, a escolha da menina para narrar permite maior liberdade para abordar temas polêmicos, servindo assim como um recurso literário

L.L.: Sim. A menina é livre para interpretar os fatos à sua maneira e é justamente isso que faz com que o livro fuja de uma simples autobiografia. Foi um recurso que me deu muita liberdade, porque a menina não tinha compromisso com a realidade.

A.B.: A nonna Gemma, contadora de histórias, realmente existiu?

L.L.: Nonna Gemma existiu sim. Morreu em 1969, quando eu já estava no Brasil, para onde vim em 1955. Nunca mais a vi, desde essa data, pois só voltei para a Itália, em viagem, em 1977.

A.B.: Eu percebi que o olhar infantil sobre os terríveis fatos da guerra permite uma narrativa leve sobre a temática bélica. Para a menina, Fratterosa era como os reinos dos contos de fadas. Para ela a realidade e as fábulas têm pouca diferença. Você acredita que ao ver seu mundo ruindo ela se depara com a dureza do mundo?

L.L.: É isso mesmo. No começo a criança se diverte: para ela é um jogo dormir na gruta, até ver o medo nos olhos dos homens, e saber que Fratterosa foi incendiada, e principalmente quando ouve falar com terror dos *tedeschi*. Fratterosa era o mundo das fábulas, que se confunde com a primeira infância, a pura inocência, que ela perde ao entender a maldade do mundo e a feiúra da guerra, que para ela é representada nas imagens da estação de trem.

A.B.: Percebi que a descrição dos costumes da época e do local é bem enfocada na narração, pois permite que o leitor imagine tudo com tal clareza que parece que somos transportados para a Itália de 1945. Concorda?

L.L.: Sim, é verdade. Sabe que muita gente de lá (de Fratterosa) ao ler o livro (pois o traduzi para o italiano e foi publicado pela prefeitura de Fratterosa) se lembrava desses fatos, e os mais velhos vieram dizer-me que era exatamente daquele jeito, enquanto os mais jovens ficaram sabendo de fatos de que nunca tinham tido conhecimento. O livro é como um museu dos antigos costumes.

A.B.: Podemos entender que a obra procura mostrar a guerra de outro ângulo que não seja a história oficial?

L.L.: Sim, com certeza. A história oficial fala de batalhas perdidas ou ganhas, fala de vitoriosos e vencidos, de heróis.

A.B.: **Em “A última fábula” temos a visão da história vista de baixo. Na sua opinião, a obra mostra que na guerra só há vencidos?**

L.L.: Isso mesmo: só vencidos. E principalmente em sua parte mais fraca: as crianças.

A.B.: **Prof^a. Liliana, porque da escolha do título "A última fábula"?**

L.L.: Isso ia lhe falar agora. Na verdade, não foi uma escolha consciente. Na ocasião eu fiz uma longa lista de nomes, mas nenhum me satisfazia, eram muito cerebrais, racionais. O título inicial era *Minha Guerra*, e com esse título o encaminhei às casas editoriais, mas era muito forte, e os outros para substituí-lo eram racionais. Na véspera de ir até a Casa Amarela, que se interessara pelo livro, eu ainda não tinha um título. Talvez você ache graça: dormi à tarde, sonhei com todos eles de quem eu falava, e ao acordar veio-me o nome: *A última fábula*. Foi como uma iluminação. Era tão simples. O título estava lá o tempo todo, só que até agora não sei qual é a última fábula, e talvez não deva nunca haver uma última fábula.

A.B.: **Ao lermos a obra, nos deparamos com muitas fábulas. Concorda que a própria narrativa é uma fábula que, ao lermos, formulamos nossa própria fábula?**

L.L.: Isso mesmo, você captou. Inclusive no próprio livro, no último capítulo, toda a história é contada como fábula aos meus netos. Seria essa a última? Ou seria a que a menina conta a si mesma, no trem, no início do livro? Mas como vê, desse jeito, não há como ter uma última. Meus netos poderão contar que a *nonna* lhes contava, e assim por diante.

A.B.: **Fábula pode ser entendida como sonho ou imaginação. A obra mostra que a menina criou sua própria fábula para sobreviver ao mundo cruel?**

L.L.: Sim, e a adulta, para sobreviver aos anos. Para perpetuar a vida, pois sempre temos que sonhar e driblar a dureza da realidade com o sonho e as utopias. Esse é o papel principal, por exemplo, da literatura. É o contar para viver.

A.B.: **Podemos fazer uma análise comparativa de *A última fábula* e *Infância* de Graciliano Ramos, pois neste último Graciliano adulto remonta à sua infância na visão do menino, trazendo a dureza do povo nordestino na virada do século XIX e XX, enquanto que no seu livro sua infância na Itália do período da 2ª Guerra mundial retrata as dificuldades do povo italiano nos momentos que marcaram a história daquele período. Que acha?**

L.L.: Bem interessante. Não sou uma especialista em Graciliano Ramos, mas veja que, nos dois casos, o fato de os dois estarem interessados em retratar as condições de precariedade da vida já

os livros do que se costuma chamar de autobiografia. Com certeza é uma análise que pode ser feita, ainda mais se tratando de regiões tão distantes, mas que no fundo apresentam os mesmos problemas cruciais do homem, que são universais. Além de dar outra versão da história, diferente da oficial, dar voz aos mudos da História.

A.B.: A foto de capa é de Fratterosa?

L.L.: Sim, eu mesma tirei, no inverno de 1985, quando fiz uma viagem a Fratterosa, que eu conto no livro *Terra amada*, no capítulo “Viagem Invernal”: nele Liana volta adulta a Fratterosa, tem contato com todo esse passado, retoma certos fios que a ligam indissolavelmente à sua terra de infância, e muitas coisas ficam esclarecidas, pois a menina não havia podido explicar tudo. Tudo foi um recurso literário. A adulta procura desesperadamente o seu espaço, a menina dentro dela, as pessoas que amou e a amaram.

A.B.: Aquele lugar continua se chamando Fratterosa??

L.L.: Sim. Só que oficialmente escrevem Fratte Rosa. Eu acho mais lindo Fratterosa, e assim mantive.

A.B.: O significado que a pequena Liana deu para o nome da cidade é “terra batida cor-de-rosa”?

L.L.: Sim, me pareceu um achado incrível que a menina faz. Essa cor rosa sempre presente nas cores do dia a dia e no nome. Antigamente o nome do lugar era *Castrum Fractarum*. Era, portanto, uma fortificação (em latim *castrum*) das terras batidas (em latim *fractarum*), que vem do verbo *frangere*, que significa justamente bater, socar. *Fractarum* subentende um substantivo (terras). Então era a “fortificação das terras batidas”. E como a base para a terracota era bater, socar muito a terra (e essa atividade lá é muito antiga) eu optei por esse significado. Mas há outra versão, talvez mais romântica, aparentemente mais bonita. *Fratte* em italiano significa também cerca viva, sebe, e então muitos fazem remontar o nome à existência de muitas sebes de rosas. Como vê, bem mais simplificado (além do mais em latim deveria ser *Fractae rosarum*). Eu prefiro a primeira versão, mais chão, mais vida, mais terra, mais trabalho humano.

A.B.: No último capítulo de *A última fábula*, há referência ao sítio Fratterosa. Ainda existe?

L.L.: Sim. É nosso, mas o mato acabou encobrindo o nome no portão, pois abrimos outra entrada e deixamos a primeira para o mato. Quando meus netos eram pequenos íamos quase todo fim de semana.

A.B.: Em sua opinião, a despedida entre nonna Gemma e a menina é um dos pontos mais emocionantes da narrativa?

L.L.: Sim, pois chorei muito quando a escrevi. Na verdade eu não me lembrava da despedida, a tinha apagado de minha memória, mas tinha de escrevê-la. E então fui por dedução: todos partiam do Borgo, naquele tempo só havia o caminhãozinho do Alfio, *nonna* sempre usava o avental, a última coisa que se viam ao sair da aldeia eram as terracotas de tio Fortuna (que aliás voltei a ver em 2005, e morreu nesse ano), a criança adoraria andar num caminhão, etc., e então criei a cena

A.B.: Quando a memória, que é o primeiro passo para a construção da História, não consegue abarcar a totalidade, é o momento em que a imaginação entra em cena, certo?

L.L.: Com certeza. Mas veja só: ao criá-la, ela se tornou verdadeira para mim, e caí num choro incontido, como se realmente tivesse recuperado a memória. Essa imagem é real para mim, esqueço que a criei. Mas será que a criei? Ou a lembrei? Mas, que diferença faz, se é capaz de recriar a emoção? No livro há outros momentos em que isso me aconteceu.

A.B.: Outro ponto muito interessante da obra é o momento em que a menina descobre que terá um irmãozinho e fica com medo de ser colocada “embaixo do *crino*”, pois ela não distingue denotativo de conotativo.

L.L.: “Ir embaixo do *crino*” é uma expressão de Fratterosa para dizer que a criança “perde o trono”, ao chegar um irmãozinho. Mas a menina toma as palavras ao pé da letra, pois *crino* é uma cesta de vime debaixo da qual se colocam as galinhas chocas. Foi um terrível pesadelo pensar em ir “embaixo do *crino*”. Ali também inventei o final de que minha mãe nunca mais me deixou sozinha com meu irmão (deduzi de frases que me disseram em 1985). Faço bastante ironia comigo mesma, confundindo o medo de minha mãe com amor dela por mim.

A.B.: Houve realmente a ideia de matar o irmãozinho recém-nascido?

L.L.: Sem dúvida! Sabe que quando voltei a Fratterosa muitos ainda me falaram disso: você lembra que queria matar seu irmãozinho? A própria Agnese, faz uns dez anos, me falou: você lembra quando queríamos matar seu irmão? Será que o teríamos matado? Não sei. Mas por sorte meu irmão está vivo e bem forte.

A.B.: Como você descreve a cena em que a menina queria que o irmão mais velho fosse para debaixo do *crino*?

L.L.: Ela fica bem decepcionada quando não colocaram o irmão debaixo do *crino*. Afinal por que a ela poriam e a ele não? Ela sente raiva, porque se acha injustiçada, mas ela também sente piedade e remorso: sentimentos confusos aos quais os adultos não dão muita importância, só porque é criança. Ela sente ciúmes e é difícil lidar com isso, só mesmo matando, ainda mais que a morte a cerca. Os adultos fazem a guerra e matam, o avô (açougueiro) mata para comerem, então por que não

matar para resolver seu problema de amor materno? Era natural, não?

A.B.: Qual a idade da menina, representada na obra?

L.L.: Entre seis e sete anos. Pus uma data como título no primeiro capítulo para o leitor se orientar. Basta a data de quando se transferiram para Fratterosa no início da guerra, quando a menina tem menos de um ano. Nasci em 1939, e mamãe, quando eu era pequena e fazia arte, dizia que até a guerra havia começado, quando eu nasci! E eu carreguei essa culpa por muito tempo, me achando responsável pelo conflito!! Devo dizer que eu era muito ingênua, e em parte continuo. Acredito muito nas pessoas.

A.B.: O fato de ser professora de Geografia ajudou na composição do livro?

L.L.: Muito, porque a paisagem é um elemento indissolúvel da alma da menina e foi muito bom descrever a paisagem através de seus olhos, e até me diverti. Fui muito cuidadosa ao dizer as coisas absolutamente reais, mas parecendo jogo. Quando, por exemplo, da brincadeira em volta da muralha, o que vai aparecendo é exatamente naquela sequência e na sequência inversa. Para isso usei fotos, e fui lá conferir. Também em *Terra amada*, a paisagem, agora descrita pela adulta, está muito presente. Sei que a literatura não tem o compromisso com o real, mas era importante para mim descrever aquela paisagem, só que, ao usar os instrumentos da geografia, o fiz através dos filtros da alma.

A.B.: Importante porque ajuda na lembrança?

L.L.: Sim. Veja, por exemplo, tentei escrever a história mudando o nome do lugar, chamei Petrarosa, e não consegui escrever nada, tudo me parecia falseado, parecia-me trair minha memória. Mas é estranho que, ao descrever a paisagem verdadeira, tão real nos detalhes, afinal parecia criada, inventada. Os alunos de uma escola média de Rio Claro, onde *A última fábula* fora adotado como livro de leitura, ficaram de boca aberta quando disse que Fratterosa existia.

A.B.: Em sua opinião, poderíamos ler o livro *a última fábula* para crianças, apesar de falar de guerra?

L.L.: Sim. Sei de meninas de oito anos que leram ou às quais os pais leram. Você notou que as fábulas eram realmente muito cruéis e nossa felicidade, quando crianças, era ver a bruxa ser queimada viva, porque era isso que nos dava segurança: ver os maus pagarem por seus crimes e a bondade ser premiada. Isso está nas fábulas dos Grimm, que foram adocicadas pela Disney. Mas, nossas fábulas têm muito sangue. Nas nossas fábulas há um final feliz, mas muito sangue corre antes. As fábulas italianas (há um livro traduzido do Ítalo Calvino) nunca falam em perdão, mas sempre em justiça.

A.B.: Obrigado, professora Liliana, pela entrevista e sucesso na carreira literária.

Entrevista concedida através da rede social MSN.

Ibirubá, RS, 18 de outubro de 2008.